

Christian Gerhaher

Gerold Huber



26 nov 2018

Grandes Intérpretes

26 NOVEMBRO
SEGUNDA

20:00 — Grande Auditório

Christian Gerhaher Barítono
Gerold Huber Piano

Franz Schubert

Sei mir gegrüßt, D. 741
Daß sie hier gewesen, D. 775
Lachen und Weinen, D. 777
Du bist die Ruh, D. 776
Greisengesang, D. 778

Wolfgang Rihm

*Tasso-Gedanken – Monolog-Stücke
aus “Torquato Tasso”**

1. *Bist du aus einem Traum erwacht*
2. *Ganz ruht mein Gemüt auf diesem Werke nun*
3. *Gedanken ohne Maß und Ordnung*
4. *Die Träne hat uns die Natur verliehen*

Franz Schubert

Abendbilder, D. 650
Himmelsfunken, D. 651

INTERVALO

Hugo Wolf

Gesänge des Harfners

*Wer sich der Einsamkeit ergibt
An die Türen will ich schleichen
Wer nie sein Brot mit Tränen aß*

Alban Berg

Vier Gesänge, op. 2

- I. *Aus “Dem Schmerz sein Recht*
- II. *Drei Lieder aus “Der Glühende”*
Schlafend trägt man mich
Nun ich der Riesen Stärksten überwnad
Warm die Lüfte

Hugo Wolf

Begegnung
Lied eines Verliebten
Auf ein altes Bild
Auf eine Christblume II
Schlafendes Jesuskind
Grenzen der Menschheit

* Estreia em Portugal
Este concerto é gravado pela RTP – Antena 2

Duração total prevista: c. 2h
Intervalo de 20 min.

Dois séculos de Lied

De Franz Schubert a Wolfgang Rihm

Franz Schubert (1797-1828), um dos poucos compositores do século XIX naturais de Viena, filho de um professor dos subúrbios da capital austríaca com antepassados morávios, revelou desde cedo grandes aptidões musicais, estudando composição com Antonio Salieri. Considerado o pai do *Lied* romântico, foi um compositor extremamente prolífico com mais de seiscentas canções. Como a maioria dos compositores românticos, explorou outros gêneros como a música orquestral, de câmara, para piano, mas foi no *Lied* que encontrou a expressão do seu âmago romântico. Nasceu na idade de ouro da literatura germânica e teve ainda acesso a muitos textos de poetas e escritores mais antigos, traduzidos graças ao ímpeto romântico de recuperação de épocas distantes. Recorria aos grandes nomes, como Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), mas também a poetas mais modestos, ou escritores nas horas vagas. Muitas vezes usava poemas do seu círculo de amigos, contexto onde foi estreada a maioria das suas obras. Schubert vivia como músico independente, tendo como único emprego na idade adulta o de professor de piano das filhas do conde Johann Esterházy. Vivia para a sua necessidade de criar, com pouco ou nenhum apoio financeiro a não ser de amigos, e encomendas escassas, o que lhe deu instabilidade económica, mas liberdade para compor. Embora com influência das baladas de Zumsteeg (1760-1802), os *Lieder* de Schubert são realmente originais e responsáveis pela criação de um novo género erudito, romântico por excelência. Mantém o equilíbrio clássico entre música e palavra e tanto a linha melódica como o acompanhamento de piano, que ilustra o sentimento, a paisagem e o ambiente, são subordinados ao poema.

No final de 1822, Schubert teve um auge de criatividade com a descoberta de novos poetas, entre os quais Friedrich Rückert (1788-1866), que viria a tornar-se no predileto de Schumann, Lowe ou Mahler. Desta união poético-musical nasceram seis inspiradas canções. A *Sei mir gegrüßt*, escrita como se fosse para harpa, segue-se *Dass sie hier gewesen*, que alterna um ambiente quase atonal com acordes de sétima diminuta, retardos e apogiaturas com um refrão simples e despojado. *Lachen und Weinen* é como uma canção popular, alegre e melancólica ao mesmo tempo. O canto do ancião (*Greisengesang*) é construído como um hino com uma gravidade quase austera, e a obra-prima *Du bist die Ruh*, com o seu ambiente estático e encantatório, é um poema de adoração amorosa. Antes do ano inspirador de 1822, Schubert e os seus amigos procuravam assiduamente novas fontes poéticas a partir das quais pudessem criar *Lieder*. As escolhas de Schubert foram muitas vezes consideradas duvidosas, mas graças a ele muitos poetas tiveram o seu momento de notoriedade. Em 1819 conheceu a antologia poética *Die heilige Lyra* de Johann Peter Silbert (1777-1844), professor de francês no Instituto Politécnico de Viena. Em *Abendbilder*, sobre um rumor de tercinas ouvem-se sinos e o canto dos pássaros noturnos. *Himmelsfunken* é uma contemplação estática onde a única alteração são as modulações dos acordes do piano.

No domínio do *Lied*, o maior herdeiro da tradição de Schubert e de Schumann foi **Hugo Wolf** (1860-1903). Intensificou o seu vocabulário expressivo integrando-lhe a declamação e a tonalidade expandida pós-wagnerianas e tornou a poesia ainda mais central, fazendo-a determinar todos os aspetos musicais de



JOHANN WOLFGANG VON GOETHE, POR JOHANN TISCHBEIN, 1787 © DR

cada canção. Wolf ambicionava desde cedo tornar-se num compositor de ópera e tinha Wagner como grande modelo. Começou a compor relativamente cedo e desde logo o *Lied* ocupou um papel importante na sua produção. O seu espaço no âmbito operático é contudo quase insignificante. Preferiu poetas de gerações anteriores e afirmou, com uma certa provocação, que alguns poemas precisavam de uma linguagem musical pós-wagneriana para poderem encontrar uma completa realização na música. Foi em 1888 que descobriu, e de algum modo recuperou, Eduard Mörike (1804-1875), o pastor luterano incompreendido no seu tempo e considerado hoje em dia um dos grandes nomes da poesia germânica do século XIX. Os *53 Gedichte von Eduard Mörike*, com uma piedade e devoção fervorosas, fantasmas eróticos, ironia e humor negro, reuniram o consenso do público em relação a Wolf e tornaram-se na sua compilação mais popular. *Begegnung* é um reencontro entre um rapaz e uma rapariga onde o vento tem uma conotação erótica. Em *pianissimo*, a oração *Schlafendes Jesuskind*

é inspirada no quadro do Menino Jesus de Francesco Albani. A canção *Auf eine Christblume II* é construída sobre um acompanhamento que ilustra o desabrochar da flor de Natal. *Lied eines Verliebten* é uma bela melodia de amor numa página breve, viva e clara, e *Auf eine altes Bild* é um hino cantado ao estilo de um coral. Dois anos depois, Wolf dedicou-se ao incontornável Goethe, criando o hábito de imergir na poesia de um poeta de cada vez. Fascinado pelo romance de formação *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, com as suas personagens densas e ricas que têm o canto como principal forma de expressão, pôs em música, entre outras, as *Canções do Harpista* (*“Gesänge des Harfners”*). Na primeira, um hino à solidão, o piano imita a harpa e a escrita vocal é em recitativo. Em *An die Türen will ich schleichen*, a última Canção do Harpista no romance, a personagem perdeu tudo, inclusive a razão e até o seu instrumento. Wolf ilustra-o suprimindo os acordes arejados e criando uma instabilidade rítmica e tonal, mas o último acorde é perfeito e de algum modo, consolador.

Uma voz quebrada de choro recita os versos de *Wer nie sein Brot mit Tränen aß*. Expressão de remorsos, o canto do harpista apela aos poderes divinos.

Alban Berg (1885-1935) foi um dos três grandes nomes da Segunda Escola de Viena, combinando modernismo e romantismo, tonalidade e atonalidade. Pouco motivado para uma carreira académica, mas interessado pela literatura e pela música desde muito jovem, parece ter encontrado um rumo quando, graças aos seus irmãos, a resposta a um anúncio no jornal lhe permitiu ter aulas com Arnold Schönberg. Uma herança recebida entretanto deu-lhe a possibilidade de deixar o trabalho como funcionário público e dedicar-se inteiramente à música. Os estudos e o convívio com Schönberg fizeram alargar os seus horizontes e receber uma educação musical formal, mas antes de o conhecer já Berg e os seus irmãos cultivavam um grande interesse por tudo o que era novo nas artes e na literatura, assistindo a estreias e lendo os mais recentes escritores. Os seus anos formativos coincidiram com uma das mais efervescentes épocas da vida cultural vienense e Berg contactou com diversas figuras de proa dos círculos artísticos e literários da capital como Peter Altenberg ou Gustav Klimt. Combinou estas vivências com um conhecimento do romantismo germânico tardio, nomeadamente das obras de Wolf e de Wagner. Segundo a descrição de Schönberg, Berg era “recetivo ao belo, novo ou velho, fosse música, literatura, pintura, escultura, teatro ou ópera”.

Referia como aspeto menos positivo “a sua imaginação aparentemente não conseguir trabalhar em nada exceto em *Lieder*”. O seu primeiro amor era a literatura, pelo que ilustrar musicalmente imagens poéticas foi o seu primeiro foco. Uma das obras que Berg escreveu durante o período em que estudou com Schönberg e onde fez a ponte para a atonalidade foram as *Quatro Canções*, op. 2. Compostas entre 1908 e 1910, serão as suas primeiras obras como compositor plenamente formado. Os poemas são de Friedrich Hebbel (1813-1863) e Alfred Mombert (1872-1942), poetas de épocas distintas, mas partilham um mesmo tema: a morte, que se revela através do sono (*Schlafend trägt man mich*) ou de uma brisa quente (*Warm die Lüfte*).

Wolfgang Rihm (n. 1952) é professor de composição na Universidade de Música de Karlsruhe, de onde é natural, e um compositor extremamente prolífico. Verdadeiro “homem do renascimento” revela um vasto conhecimento no domínio da literatura, pintura, arquitetura, filosofia, usando-as como fonte de inspiração. Estudou com Boulez e Stockhausen entre 1972 e 1973, mas usou técnicas expressionistas de Mahler e Schönberg, o que foi visto como uma espécie de revolta contras as correntes mais vanguardistas e lhe proporcionou várias encomendas. Foi também associado ao movimento *Nova Simplicidade* do início dos anos oitenta. As suas obras revelam ainda um ecletismo com influências de Bach, Schumann ou Brahms. Nas composições vocais usa textos desde Homero a Hölderin, Goethe ou Rilke.

SUSANA DUARTE

FRANZ SCHUBERT

Sei mir gegrüßt

Friedrich Rückert

O du Entrißne mir und meinem Kusse,
Sei mir gegrüßt, sei mir geküßt!
Erreichbar nur meinem Sehnsuchtgruße,
Sei mir gegrüßt, sei mir geküßt!

Du von der Hand der Liebe diesem Herzen
Gegebne, du von dieser
Brust Genommne mir! Mit diesem Tränengusse
Sei mir gegrüßt, sei mir geküßt!

Zum Trotz der Ferne, die sich feindlich trennend
Hat zwischen mich und dich gestellt;
Dem Neid der Schicksalmächte zum Verdrusse
Sei mir gegrüßt, sei mir geküßt!

Wie du mir je im schönsten Lenz der Liebe
Mit Gruß und Kuß entgegenkamst,
Mit meiner Seele glühndstem Ergusse,
Sei mir gegrüßt, sei mir geküßt!

Ein Hauch der Liebe tilget Raum und Zeiten,
Ich bin bei dir, du bist bei mir,
Ich halte dich in dieses Arms Umschlusse,
Sei mir gegrüßt, sei mir geküßt!

Daß sie hier gewesen

Friedrich Rückert

Daß der Ostwind Düfte
Hauchet in die Lüfte,
Dadurch tut er kund,
Daß du hier gewesen!

Daß hier Tränen rinnen,
Dadurch wirst du innen,
Wär's dir sonst nicht kund,
Daß ich hier gewesen!

Eu te saúdo

Ó tu que me arrebatas e aos meus beijos,
Eu te saúdo, eu te beijo!
Acessível apenas às minhas saudações ansiosas,
Eu te saúdo, eu te beijo!

Tu que foste oferecida pela mão do amor
A este coração, que me foste arrancada
Do peito! Com estas lágrimas,
Eu te saúdo, eu te beijo!

A despeito da distância, que separando
perfidamente
Se colocou entre mim e ti;
Em oposição à inveja das forças do destino
Eu te saúdo, eu te beijo!

Como tu vieste ao meu encontro com beijos e
abraços
Na mais bela primavera da vida,
Com a mais ardente efusão da minha alma,
Eu te saúdo, eu te beijo!

Um sopro de amor anula o tempo e o espaço,
Eu estou a teu lado, tu estás perto de mim,
Mantenho-te envolvida nos meus braços,
Eu te saúdo, eu te beijo!

Que aqui estiveram

Que as fragrâncias do oriente
Pairem nos ares,
Dão a conhecer,
Que aqui estiveste!

Que aqui corram lágrimas,
Fazem com que saibas
Se não o conhecesses já
Que eu aqui estive!

Schönheit oder Liebe,
Ob versteckt sie bliebe,
Düfte tun es und Tränen kund,
Daß sie hier gewesen!

Lachen und Weinen

Friedrich Rückert

Lachen und Weinen zu jeglicher Stunde
Ruht bei der Lieb auf so mancherlei Grunde.
Morgens lacht ich vor Lust,
Und warum ich nun weine
Bei des Abends Scheine,
Ist mir selb' nicht bewußt.

Weinen und Lachen zu jeglicher Stunde
Ruht bei der Lieb auf so mancherlei Grunde.
Abends weint ich vor Schmerz;
Und warum du erwachen
Kannst am Morgen mit Lachen,
Muß ich dich fragen, o Herz.

Du bist die Ruh

Friedrich Rückert

Du bist die Ruh,
Der Friede mild,
Die Sehnsucht du
Und was sie stillt.

Ich weihe dir
Voll Lust und Schmerz
Zur Wohnung hier
Mein Aug und Herz.

Kehr ein bei mir,
Und schließe du
Still hinter dir
Die Pforten zu.

Treib andern Schmerz
Aus dieser Brust!
Voll sei dies Herz
Von deiner Lust.

A beleza e o amor,
Mesmo que se conservem ocultos,
Dão a conhecer pelas fragrâncias e pelas
lágrimas,
Que aqui estiveram!

Rir e chorar

Rir e chorar a toda a hora
Acompanha o amor por tantas
e tão variadas razões.
De manhã rio de alegria,
E nem eu própria sei
Porque choro ao pôr-do-sol,

Chorar e rir a toda a hora.
Acompanha o amor por tanta
e tão variadas razões.
À noite choro de dor,
E porque podes acordar de manhã a rir,
Tenho de perguntar-te, oh coração.

Tu és a calma

Tu és a calma,
A paz repousante,
Tu és a saudade,
E o que ela suaviza.

Consagro-te,
Com alegria e dor,
Para neles habitares,
Os olhos e o coração.

Recolhe-te em mim
E fecha suavemente
Atrás de ti
A porta.

Afasta outras dores
Deste peito!
Que este coração fique repleto
Com a tua alegria.

Dies Augenzelt
Von deinem Glanz
Allein erhellt,
O füll es ganz!

Greisengesang

Friedrich Rückert

Der Frost hat mir bereifet des Hauses Dach;
doch warm ist mir's geblieben im Wohngemach.
Der Winter hat die Scheitel mir weiß gedeckt;
doch fließt das Blut, das rote, durchs
Herzgemach.
Der Jugendflor der Wangen, die Rosen sind
gegangen, all gegangen einander nach, –
wo sind sie hingegangen? ins Herz hinab:
Da blühn sie nach Verlangen, wie vor so nach.
Sind alle Freudenströme der Welt versiegt?
Noch fließt mir durch den Busen ein stiller Bach.
Sind alle Nachtigallen der Flur verstummt?
Noch ist bei mir im Stillen hier eine wach.
Sie singet: Herr des Hauses! verschleuß dein
Thor,
daß nicht die Welt, die kalte, dring ins Gemach.
Schleuß aus den rauhen Odem der Wirklichkeit,
und nur dem Duft der Träume gib Dach und
Fach.

WOLFGANG RHIM

Tasso-Gedanken

Monolog-Stücke aus "Torquato Tasso"
Johann Wolfgang von Goethe

I. (Vierter Aufzug, Szene 1)
Bist Du aus einem Traum erwacht, und hat
Der schöne Trug auf einmal dich verlassen?
Hat dich nach einem Tag der höchsten Lust
Ein Schlaf gebändigt, hält und ängstet nun
Mit schweren Fesseln Deine Seele? Ja,
Du wachst und träumst. Wo sind die Stunden hin,
Die um dein Haupt mit Blumenkränzen spielten?

O que os meus olhos vêm
Seja só iluminado
Pelo teu clarão,
Oh, preenche-o totalmente!

Canto do ancião

A geada embranqueceu-me o telhado;
contudo, quente permaneceu a minha casa.
O inverno cobriu de branco a minha cabeça;
contudo, o meu sangue flui vermelho no meu
coração.
A suavidade das faces, as rosas partiram,
todas partiram, uma após outra, –
para onde foram? Desceram para o meu coração:
Aí florescem segundo o desejo, tanto antes como
depois.
Secaram todas as fontes de alegria do mundo?
No meu peito ainda flui um tranquilo riacho.
Emudeceram todos os rouxinóis do campo?
Junto de mim no silêncio ainda está um
acordado.
Ele canta: Ó Senhor da casa! Fecha à chave o teu
portão,
para que o mundo, as frias multidões não
penetrem em casa.
Fecha o duro sopro da realidade,
e dá só abrigo ao perfume dos sonhos!

Pensamentos de Tasso

Excertos-Monólogo de "Torquato Tasso"

I. (Quarto Ato, Cena 1)
Acordaste de um sonho e
Aquela doce ilusão abandonou-te de súbito?
Num dia de volúpia sem igual
Um sono dominou e aprisionou e amedrontou
Com pesados grilhões a tua alma? Sim,
Sonhas acordado. Para onde foram as horas
Que a cabeça te engrinaldaram?

Die Tage, wo dein Geist mit freier Sehnsucht
Des Himmels ausgespanntes Blau durchdrang?
Und dennoch lebst du noch, und fühlst dich an,
Du fühlst dich an, und weißt nicht, ob du lebst.

2. (Fünfter Aufzug, Szene 2)

[...]Ganz

Ruht mein Gemüt auf diesem Werke nun.
Nun muss es werden, was es werden kann.
[...] ich bin gesund,
Wenn ich mich meinem Fleiß ergeben kann,
Und so macht wieder mich mein Fleiß gesund. –
[...] mir ist nicht wohl
In freier Üppigkeit. Mir läßt die Ruh'
Am mind'sten Ruhe. [...]
Wenn ich nicht sinnen oder dichten soll,
So ist das Leben mir kein Leben mehr.
Verbiete du dem Seidenwurm zu spinnen,
Wenn er sich schon dem Tode näher spinnt.
Das köstliche Geweb' entwickelt er
Aus seinem Innersten und läßt nicht ab,
Bis er in seinen Sarg sich eingeschlossen.
O geb' ein guter Gott uns auch dereinst
Das Schicksal des beneidenswerten Wurms,
Im neunten Sonnental die Flügel rasch
Und freudig zu entfalten.

3. (Zweiter Aufzug, Szene 1)

[...] Gedanken ohne Maß

Und Ordnung regen sich in meiner Seele.
Mir scheint die Einsamkeit zu winken, mich
Gefällig anzulispeln: Komm, ich löse
Die neu erregten Zweifel deiner Brust.
Doch werf ich einen Blick [...], vernimmt
Mein horchend Ohr ein Wort [...] –
So wird eine neuer Tag um mich herum
Und alle Bande fallen von mir los.
Ich will [...] gestehn, es hat [...] unerwartet[...], nicht sanft,
Aus einem schönen Traum mich aufgeweckt;
[...] Wesen, [...] Worte haben mich
So wunderbar getroffen, daß ich mehr
Als je mich doppelt fühle, mit mir selbst
Aufs neu in streitender Verwirrung bin.

Os dias em que o teu espírito cheio de desejo
Cruzava o esplendoroso céu azul?
E apesar disso ainda estás vivo, sentes o corpo,
Sentes o corpo e não sabes se estás vivo.

2. (Quinto Ato, Cena 2)

[...]Todo

O meu ser depende desta obra.
Agora ou nunca será o que tem de ser.
[...] sinto-me bem,
Quando me posso dedicar ao trabalho,
e assim é o trabalho que me cura.
[...] sinto-me mal
Na abundância ociosa. E o repouso
É o que menos me descansa. [...]
Se não posso pensar nem fazer versos,
a vida para mim deixa de ter vida.
Tenta impedir o bicho-da-seda de fiar
Quando já fia para a morte:
Vai tecendo essa trama preciosa
A partir de si próprio, e não desiste
Antes de se encerrar no seu caixão.
Ah, se um bom deus nos desse a nós um dia
O invejável destino desse verme,
Para podermos depois soltar as asas
Num radioso vale ensoleirado!

3. (Segundo Ato, Cena 1)

[...] Pensamentos sem rumo

Nem ordem agitam-se na minha alma.
Parece que me acena a solidão
E me murmura, insinuante: vem, vou tirar-te
do peito as últimas dúvidas.
Mas se volto o olhar [...], o meu ouvido
atento escuta uma palavra [...] –
Assim um novo dia nasce em meu redor
E de todas as correntes me liberto.
Confesso [...] que [...] De súbito [...], abruptamente,
O meu sonho interrompeu;
[...] modos, [...] e palavras
Tocaram-me tão fundo que me senti
Tão dividido como nunca me sentira
E volto a estar confuso e perturbado.

[...]

Doch ach! je mehr ich horchte, mehr und mehr
Versank ich vor mir selbst, ich fürchtete,
Wie Echo an den Felsen zu verschwinden,
Ein Widerhall, ein Nichts mich zu verlieren.

4. (Fünfter Aufzug, Szene 5)

Die Träne hat uns die Natur verliehen,
Den Schrei des Schmerzens, wenn der Mann
[ossia: Mensch] zuletzt
Es nicht mehr trägt – Und mir noch über alles –
Sie ließ im Schmerz mir Melodie und Rede,
Die tiefste Fülle meiner Not zu klagen:
Und wenn der Mensch in seiner Qual
verstummt,
Gab mir ein Gott, zu sagen wie ich leide.
[...] du stehest fest und still,
Ich scheine nur die sturmbewegte Welle.
Allein bedenk und überhebe nicht
Dich deiner Kraft! Die mächtige Natur,
Die diesen Felsen gründete, hat auch
Der Welle die Beweglichkeit gegeben.
Sie sendet ihren Sturm, die Welle flieht
Und schwankt und schwillt und beugt sich
schäumend über.
In dieser Woge spiegelte so schön
Die Sonne sich, es ruhten die Gestirne
An dieser Brust, die zärtlich sich bewegte.
Verschwunden ist der Glanz, entflohn die Ruhe.
Ich kenne mich in der Gefahr nicht mehr,
Und schäme mich nicht mehr, es zu bekennen.
Zerbrochen ist das Steuer, und es kracht
Das Schiff an allen Seiten. Berstend reißt
Der Boden unter meinen Füßen auf!
Ich fasse dich mit beiden Armen an!
So klammert sich der Schiffer endlich noch
Am Felsen fest, an dem er scheitern sollte.

[...]

Mas ah! Quanto mais escutava,
Mais eu perante mim me afundava, e temia,
Desvanecer-me como um eco num rochedo,
Perder-me como uma ressonância, como um
nada.

4. (Quinto Ato, Cena 5)

As lágrimas que a natureza nos deu,
O grito da dor, se um homem
[ossia: Homem] por fim
Não mais pode – E a mim, mais que a ninguém –
Deu-me ela na dor, voz, melodia,
Para chorar este abismo de tristeza:
E se o homem comum na dor se cala,
Deu-me um deus o dom de cantar a minha alma.
[...] estás aí tão firme,
E eu sou como a onda na tempestade.
Mas pensa bem e não te orgulhes tanto
Da tua força! A grande natureza,
Que fez nascer a rocha, também deu
Às ondas a agilidade.
Desencadeia a tempestade, e a onda foge
E oscila e arqueia-se
e desfaz-se na espuma.
Nesta onda se refletiu um dia
A beleza do sol, e neste peito tranquilo
um dia os astros descansaram.
Foi-se o brilho, desvaneceu-se a calma.
Já não me conheço no meio do perigo,
Nem já me envergonho de o confessar.
O leme está partido, e o navio
Geme com grande estrondo,
Abre-se o chão debaixo dos meus pés!
Agarro-te com ambos os braços!
Assim como se agarra o barqueiro ao rochedo,
No qual se desmoronará.

FRANZ SCHUBERT

Abendbilder

Johann Peter Silbert

Still beginnt's im Hain zu tauen,
Ruhig webt der Dämm'ring Grauen
Durch die Glut
Sanfter Flut,
Durch das Grün umbuschter Auen,
So die trunk'nen Blicke schauen.

Sieh', der Raben Nachtgefieder
Rauscht auf ferne Eichen nieder;
Balsamduft
Haucht die Luft.
Philomelens Zauberlieder,
Hallet zart die Echo wider.

Horch! des Abendglöckleins Töne
Mahnen ernst der Erde Söhne,
Dass ihr Herz,
Himmelwärts
Sinnend ob der Heimat Schöne,
Sich des Erdentands entwöhne.

Durch der hohen Wolken Riegel
Funkeln tausend Himmelssiegel,
Lunas Bild
Streuet mild
In der Fluten klaren Spiegel
Schimmernd Gold auf Flur und Hügel.

Von des Vollmonds Widerscheine
Blitzet das bemooste, kleine
Kirchendach.
Aber ach!
Ringsum decken Leichensteine
Der Entschlummerten Gebeine.

Ruht, o Traute! von den Wehen,
Bis beim grossen Auferstehen
Aus der Nacht
Gottes Macht

Imagens noturnas

Silenciosamente começa a formar-se o orvalho
no arvoredos,
Calmamente se tece o crepúsculo cinzento
Entre o brilho do pôr-do-sol
Que flutua suavemente,
E por entre os verdejantes prados rodeados de
arbustos;
E tudo assim se distorcendo a nossos olhos.

Olhai! O voo noturno dos corvos
Faz murmurar os carvalhos distantes;
Uma essência de bálsamo
Paira no ar.
As melodias encantadas de Filomela,
Repete-as docemente Eco.

Escutai! As badaladas das Vésperas
Lembram verdadeiramente os sons da terra,
De tal forma que os corações,
Volvidos para os céus,
Deveriam refletir a beleza desse lugar,
E afastar-se das coisas deste mundo.

Através do muro de nuvens altas
Cintilam milhares de estrelas celestiais,
A forma da lua
Reflete-se suavemente
No claro espelho de água,
Derramando ouro nos prados e nas montanhas.

À luz do reflexo da lua cheia
Cintila o pequeno telhado da igreja
Coberto de musgo.
Mas, Ah!
À sua volta, os túmulos cobrem
Os ossos dos defuntos.

Descansai, ó seres amados, de vossas dores,
Até à grande ressurreição,
Quando da noite,
O poder de Deus

Einst uns ruft, in seiner Höhen
Ew'ge Wonnen einzugehen.

Himmelsfunken

Johann Peter Silbert

Der Odem Gottes weht,
Still wird die Sehnsucht wach;
Das trunk'ne Herz vergeht
In wundersüßen Ach.

Wie löst sich äthermild
Der Erde schweres Band!
Die heil'ge Träne quillt,
Ach, nach des Himmels Land.

Wie mächtig hebt das Herz
Sich zu den blauen Höh'n!
Was machst vor süßem Schmerz
Es ach! so zart vergehn? –

O süßer Hochgenuß!
Mild, wie des Himmels Tau,
Winkt Gottes Feiegeruß
Hoch aus dem stillen Blau!

Und das verwaiste Herz
Vernimmt den stillen Ruf,
Und sehnt sich heimatwärts
Zum Vater, der es schuf!

HUGO WOLF

Gesänge des Harfners

Johann Wolfgang von Goethe

Wer sich der Einsamkeit ergibt

Wer sich der Einsamkeit ergibt,
Ach! der ist bald allein;
Ein jeder lebt, ein jeder liebt
Und läßt ihn seiner Pein.

Nos chame, para nos dirigirmos
Às sublimes alturas da bênção eterna.

Centelhas divinas

O hálito de Deus sopra docemente,
E a saudade em silêncio acorda;
O coração ébrio esmorece
Em maravilhosa e doce agonia.

Como dissolve na suave atmosfera –
Os pesados grilhões da vida terrena!
Lágrimas sagradas correm,
Ah! A caminho da terra divina.

Quão poderoso se ergue o coração
Em direcção às azuis alturas!
Mas, Oh! Porque com tão doce dor,
Se esvai ele tão ternamente? –

Ó doce e alto prazer!
Suaves como o orvalho do céu,
Soam as saudações de Deus
Do alto do azul tranqüilo!

E o coração órfão
Ouve o suave chamamento,
E anseia pelo regresso a casa
E ao Pai que o criou!

Canções do Harpista

Aquele que se entrega à solidão

Aquele que se entrega à solidão,
Ah! Em breve se encontra só;
Os outros vivem, os outros amam
E abandonam-no aos seus desgostos.

Ja! Laßt mich meiner Qual!
Und kann ich nur einmal
Recht einsam sein,
Dann bin ich nicht allein.

Es schleicht ein Liebender lauschend sacht,
Ob seine Freundin allein?
So überschleicht bei Tag und Nacht
Mich Einsamen die Pein,

Mich Einsamen die Qual.
Ach, werd ich erst einmal
Einsam in Grabe sein,
Da läßt sie mich allein!

An die Türen will ich schleichen

An die Türen will ich schleichen,
Still und sittsam will ich stehn,
Fromme Hand wird Nahrung reichen,
Und ich werde weitergehn.

Jeder wird sich glücklich scheinen,
Wenn mein Bild vor ihm erscheint,
Eine Träne wird er weinen,
Und ich weiß nicht, was er weint.

Wer nie sein Brot mit Tränen aß

Wer nie sein Brot mit Tränen aß,
Wer nie die kummervollen Nächte
Auf seinem Bette weinend saß,
Der kennt euch nicht, ihr himmlischen Mächte.

Ihr führt ins Leben uns hinein,
Ihr laßt den Armen schuldig werden,
Dann überlaßt ihr ihn der Pein:
Denn jede Schuld rächt sich auf Erden.

Sim! Deixai-me com o meu tormento!
E pudera eu, apenas uma vez,
ficar realmente solitário,
Então não estaria só.

Um amante esgueira-se, furtivo, e espia,
Estará a sua amada só?
Assim me envolvem, noite e dia
Os tormentos na minha solidão,

As agonias na minha solidão.
Ah, possa eu estar por fim, um dia
No retiro do meu túmulo,
Então me deixarão em paz!

Irei prostrar-me às portas

Irei prostrar-me às portas
Discreto e mudo ficarei,
Uma mão piedosa me dará sustento,
E para diante caminharei.

E todos parecerão felizes,
Ao contemplar a minha figura,
Cada um chorará uma lágrima,
E eu não saberei, porque ele chora.

Quem nunca comeu o seu pão com lágrimas

Quem nunca comeu o seu pão com lágrimas,
Quem nunca se sentou chorando
Em longas noites de amargura,
Não vos compreende, ó forças celestes.

Vós arrastais-nos na torrente da vida,
Deixais-nos cair em tentação,
E depois abandonais-nos aos tormentos:
Pois todos os pecados se expiam na terra.

ALBAN BERG

Vier Gesänge / Quatro Canções

Dem Schmerz sein Recht

Friedrich Hebbel

Schlafen, schlafen, Nichts als schlafen!
Kein Erwachen, keinen Traum!
Jener Wehen, die mich trafen,
Leisestes Erinnern kaum.
Daß ich, wenn des Lebens Fülle
Niederklingt in meine Ruh,
Nur noch tiefer mich verhülle,
Fester zu die Augen tu!

Schlafend trägt man mich

Alfred Mombert

Schlafend trägt man mich
In mein Heimatland!
Ferne komm ich her,
Über Gipfel, über Schlünde,
Über ein dunkles Meer
In mein Heimatland.

Nun ich der Riesen Stärksten überwand

Alfred Mombert

Nun ich der Riesen Stärksten überwand,
Mich aus dem dunkelsten Land heimfand
An einer weißen Märchenhand –

Hallen schwer die Glocken.
Und ich wanke durch die Straßen
Schlafbefangen.

Warm die Lüfte

Alfred Mombert

Warm die Lüfte,
es sprießt Gras auf sonnigen Wiesen.
Horch!
Horch, es flötet die Nachtigall...

À dor o seu direito

Dormir, dormir, nada senão dormir!
Não acordar, nenhum sonho!
Das tristezas que me atingiram,
Nem a mais leve recordação.
De modo que eu, quando a plenitude da vida
Ressoa no meu descanso,
Mais profundamente me escondo,
E com mais força fecho os olhos!

Adormecido sou levado

Adormecido sou levado
Para a minha terra natal!
Venho de longe,
Sobre cumes, sobre abismos,
Sobre um escuro mar
Para a minha terra natal.

Agora que venci os mais fortes gigantes

Agora que venci os mais fortes gigantes,
Do país sombrio, encontrei o caminho de casa
Pela mão branca de uma fada –

Ressoam pesados os sinos.
E eu cambaleio pelo meio das ruas
Entorpecido.

Quente o ar

Quente o ar,
a relva brota dos prados solarengos.
Escuta!
Escuta, ali canta o rouxinol...

Ich will singen:
Droben hoch im düstern Bergforst,
es schmilzt und sickert kalter Schnee,
ein Mädchen im grauen Kleide
lehnt am feuchten Eichstamm,
krank sind ihre zarten Wangen,
die grauen Augen fiebern
durch Düsterriesenstämme.
„Er kommt noch nicht. Er läßt mich warten...“

Stirb!
Der Eine stirbt, daneben der Andere lebt:
Das macht die Welt so tiefschön.

HUGO WOLF

Begegnung

Eduard Mörike

Was doch heut nacht ein Sturm gewesen,
bis erst der Morgen sich geregt!
Wie hat der ungebetne Besen
Kamin und Gassen ausgefegt!

Da kommt ein Mädchen schon die Straßen,
das halb verschüchtert um sich sieht;
wie Rosen, die der Wind zerblasen,
so unstet ihr Gesichtchen glüht.

Ein schöner Bursch tritt ihr entgegen,
er will ihr voll Entzücken nahn:
wie sehn sich freudig und verlegen
die ungewohnten Schelme an!

Er scheint zu fragen, ob das Liebchen
die Zöpfe schon zurecht gemacht,
die heute Nacht im offnen Stübchen
ein Sturm in Unordnung gebracht.

Der Bursche träumt noch von den Küssen,
die ihm das süße Kind getauscht,
er steht, von Anmut hingerissen,
derweil sie um die Ecke rauscht.

Eu quero cantar:
Lá no alto, na escura floresta da montanha,
derrete e goteja a fria neve,
uma rapariga num vestido cinzento
ajoelha-se em frente a um carvalho húmido,
As suas ternas faces estão doentes,
os olhos cinzentos ardem febril
através dos escuros troncos gigantes.
“Ele ainda não vem. Ele faz-me esperar...”

Morre!
Um morre, ao lado do outro que vive:
O poder do mundo tão profundamente belo.

Encontro

A tempestade que fez esta noite,
Choveu até de manhã cedo!
Como a indesejada vassoura
Varreu chaminés e vielas!

Pela rua vem uma rapariga
Que parece algo intimidada;
As suas faces estão coradas
Como rosas que o vento sopra.

Um rapaz vem ao seu encontro,
Aproxima-se com simpatia:
Como se olham satisfeitos e embaraçados
Com um invulgar ar travesso!

Apetece perguntar se a rapariga
Já arranjou as tranças,
Que esta noite, no seu quarto aberto
Uma tempestade desarranjou.

O rapaz sonha ainda com os beijos
Com que a doce rapariga o cobriu,
Pára, completamente encantado
Enquanto ela desaparece numa esquina.

Lied eines Verliebten

Eduard Mörike

In aller Früh, ach, lang' vor Tag,
Weckt mich mein Herz, an dich zu denken,
Da doch gesunde Jugend schlafen mag.

Hell ist mein Aug' um Mitternacht,
Heller als frühe Morgenglocken:
Wann hättest du je am Tage mein gedacht?

Wär' ich ein Fischer, stünd' ich auf,
Trüge mein Netz hinab zum Flusse,
Trüg' herzlich froh die Fische zum Verkauf.

In der Mühle, bei Licht, der Müllerknecht,
Tummelt sich, alle Gänge klappern;
So rüstig Treiben wär' mir eben recht.

Weh! aber ich! o armer Tropf!
Muss auf dem Lager mich müßig grämen,
Ein ungebärdig Mutterkind im Kopf.

Auf ein altes Bild

Eduard Mörike

In grüner Landschaft Sommerflor,
Bei kühlem Wasser, Schilf, und Rohr,
Schau, wie das Knäblein Sündelos
Frei spielt auf der Jungfrau Schoss!
Und dort im Walde wonnesam,
Ach, grünet schon des Kreuzes Stamm!

Auf eine Christblume II

Eduard Mörike

Im Winterboden schläft ein Blumenkeim,
Der Schmetterling, der einst um Busch
und Hügel
In Frühlingsnächten wiegt den
sammt'nen Flügel;
Nie soll er kosten deinen Hon Honigseim.

Canção de um apaixonado

De madrugada, ai, o dia tardava ainda,
O meu coração despertou-me, ao pensar em ti,
Pois só os jovens sadios conseguem dormir.

À meia-noite velam os meus olhos,
E velam ainda ao soarem os sinos matinais:
Porventura pensaste tu nas horas do meu dia?

Fora eu um pescador, levantar-me-ia,
Carregaria as minhas redes para o rio,
E alegremente traria os peixes para o mercado.

No moinho, à luz do dia, o servo do moleiro,
Apressava-se a pôr tudo em marcha:
Tão robustos movimentos seriam do meu
agrado.

Ai! Mas eu! Oh, pobre simplório!
Devo sofrer de desgosto sobre o leito ocioso,
Tendo no pensamento uma criança impassível.

Num quadro antigo

Na florescência estival de uma paisagem verde,
Junto à água fresca, juncos e canas,
Repara como o menino inocente
Brinca à vontade no colo da Virgem!
E além, no bosque encantador,
Ai, cresce já o madeiro da cruz!

Numa flor de Natal II

Dorme no chão do Inverno, flor ainda em germe,
A borboleta, que esvoaça por bosques e colinas,
Nas noites de Primavera embala as suas asas;
Porém, nunca ela provará do teu mel virgem.

Wer aber weiss, ob nicht sein zarter Geist,
Wenn jede Zier des Sommers hingesunken,
Dereinst, von deinem leisen Dufte trunken,
Mir unsichtbar, dich blühende umkreist?

Schlafendes Jesuskind

Eduard Mörike

Sohn der Jungfrau, Himmelskind!
Am Boden auf dem Holz der Schmerzen
eingeschlafen,
Das der fromme Meister, sinnvoll spielend,
Deinen leichten Träumen unterlegte;
Blume du, noch in der Knospe dämmernd
Eingehüllt die Herrlichkeit des Vaters!

O wer sehen könnte, welche Bilder
Hinter dieser Stirne, diesen schwarzen
Wimpern sich in sanftem Wechsel malen!

Grenzen der Menschheit

Johann Wolfgang von Goethe

Wenn der uralte
Heilige Vater
Mit gelassener Hand
Aus rollenden Wolken
Segnende Blitze
Über die Erde sät,
Küss' ich den letzten
Saum seines Kleides,
Kindliche Schauer
Treu in der Brust.

Denn mit Göttern
Soll sich nicht messen
Irgendein Mensch.
Hebt er sich aufwärts,
Und berührt
Mit dem Scheitel die Sterne,
Nirgends haften dann
Die unsichern Sohlen,
Und mit ihm spielen

Mas quem sabe, se o seu espírito delicado,
Quando todos os adornos do Verão desfalecerem,
Não beberá, um dia, do teu leve perfume,
É para mim invisível: já acabaste de florir?

O Menino Jesus adormecido

Filho da Virgem Maria, criança divina!
Adormecido no chão sobre o lenho da dor,
Que o mestre piedoso num jogo sensato
Colocou por trás dos teus sonhos leves;
Flor ainda em botão desabrochando
Envolvida pela magnificência do pai!

Oh quem pudesse ver que imagens
Sob esta fronte, estas pestanas negras,
Se esboçam em suave alternância!

Limites da humanidade

Quando o venerável
Santo Pai
Com mão firme
Das nuvens rolantes
Sobre a terra envia
Abençoados raios,
Eu beijo a última
Orla do seu manto,
Tremendo como uma criança
Fiel no meu peito.

Porque nenhum mortal
Com os deuses
Se deve medir.
Porque se ele se levantar
E tocar
Com a cabeça as estrelas,
Em nenhum lado assentam
Os seus pés incertos,
Brincam com ele

Wolken und Winde.
Steht er mit festen,
Markigen Knochen
Auf der wohlgegründeten
Dauernden Erde,
Reicht er nicht auf,
Nur mit der Eiche
Oder der Rebe
Sich zu vergleichen.

Was unterscheidet
Götter von Menschen?
Daß viele Wellen
Vor jenen wandeln,
Ein ewiger Strom:
Uns hebt die Welle,
Verschlingt die Welle,
Und wir versinken.

Ein kleiner Ring
Begrenzt unser Leben,
Und viele Geschlechter
Reihen sich dauernd
An ihres Daseins
Unendliche Kette.

As nuvens e os ventos.
E se ele ficar com firmes
Vigorosos ossos
Sobre a bem fundada
Perpétua terra,
Jamais se poderá
Nem com o carvalho
Ou com a videira
comparar.

O que distingue
Os deuses dos homens?
Muitas ondas
Rolam perante aqueles,
Uma eterna corrente:
A onda levanta-nos,
Engole a onda
E nós naufragamos.

Um pequeno círculo
Limita a nossa vida,
E muitas gerações
Se sucedem perpetuamente
Numa infundável cadeia
Da sua existência.

Traduções de Maria Fernanda Cidrais
(Schubert D. 741, 775, 776, 777; Wolf/Mörike);
Ofélia Ribeiro (Schubert D. 6501, 651; Berg *Gesänge*
op. 2); Mariana Portas (Wolf *Gesänge des Harfners*);
Linguamundi (Schubert D. 778; Rihm; Wolf *Grenzen
der Menschheit*)

Christian Gerhaher

Barítono

Durante os seus estudos com Paul Kuen e Raimund Grumbach, o barítono alemão Christian Gerhaher frequentou a Escola de Ópera da Academia de Música de Munique e, em conjunto com Gerold Huber, estudou interpretação de *Lied* com Friedemann Berger. Aperfeiçoou o seu treino vocal nas *masterclasses* de Dietrich Fischer-Dieskau, Elisabeth Schwarzkopf e Inge Borkh. Atualmente orienta com regularidade as suas próprias *masterclasses* e é professor honorário da Academia de Música e Teatro de Munique. Foi-lhe atribuído o título *Bayerischer Kammersänger* e a *Bayerische Maximiliansorden für Wissenschaft und Kunst*. Ao longo de mais de trinta anos, as interpretações de Christian Gerhaher e Gerold Huber, o seu pianista acompanhador, estabeleceram novos padrões de abordagem ao *Lied*. Apresentaram-se nas mais prestigiadas salas a nível internacional e as suas gravações mereceram a atribuição de muitos prémios como o *Gramophone Award*, o *BBC Music Award* e o *Royal Philharmonic Society Music Award*. Atualmente estão concentrados na gravação integral das canções de R. Schumann. A presente temporada de recitais iniciou-se com *Schwanengesang* de Schubert, prosseguindo com uma série de recitais que juntam canções de Wolf, Schubert e Berg, para além da estreia de *Tasso-Gedanken* de W. Rihm. Christian Gerhaher é presença regular em prestigiados festivais como os de Rheingau, Londres (*BBC Proms*), Edimburgo, Lucerna ou Salzburgo. Foi artista residente da Sinfónica da Rádio da Baviera, da Filarmónica de Berlim, do Musikverein de Viena e do Wigmore Hall. É também um cantor de ópera de primeiro plano, tendo-lhe sido atribuído o Prémio Laurence Olivier e o *International Opera Award 2013*. O seu repertório inclui personagens como Eisenstein (*O Morcego*), Marquês de Posa (*Don Carlos*) ou

Olivier (*Capriccio*), bem como os papéis principais em *L'Orfeo* de Monteverdi, *Don Giovanni* de Mozart, *Pelléas et Mélisande* de Debussy, ou *Der Prinz von Homburg* de H.W. Henze. O papel de Wolfram (*Tannhäuser*) é uma constante na sua agenda de representações nos teatros de ópera de Berlim, Viena, Londres ou Munique, tendo-o interpretado recentemente numa nova produção de Romeo Castellucci. Para além do regresso à Fundação Gulbenkian, depois da sua estreia em 2017, com a Gustav Mahler Jugendorchester e o maestro D. Harding, a agenda da presente temporada inclui, entre outras atuações, a estreia no papel de Figaro (*As bodas de Figaro*), na Royal Opera House, sob a direção de J. E. Gardiner.



CHRISTIAN GERHAHER © GREGOR HOHENE-FAG

Gerold Huber

Piano

O pianista alemão Gerold Huber nasceu em Munique. Estudou piano com Friedemann Berger na Academia de Música de Munique e frequentou as *masterclasses* de Dietrich Fischer-Dieskau em Berlim. Em 1998, conjuntamente com Christian Gerhaher, barítono que acompanha regularmente há mais de trinta anos, recebeu o *Prix International Pro Musicis*, em Paris. Em 2001 foi premiado no Concurso Internacional de Piano Johann Sebastian Bach, em Saarbrücken. Como pianista acompanhador, apresenta-se regularmente em festivais de música como os de Schwetzingen, Rheingau, Salzburgo ou as *Schubertiade Schwarzenberg*. Entre outros prestigiosos palcos, tocou na Philharmonie de Colónia, na Alte Oper Frankfurt, no Konzerthaus e no Musikverein de Viena, no Concertgebouw de Amesterdão, no Wigmore Hall de Londres, no Musée d'Orsay de Paris, no Lincoln Center e no Carnegie Hall de Nova Iorque. Para além de Christian Gerhaher, colabora com outros

cantores de renome internacional como Christiane Karg, Christina Landshamer, Ruth Ziesak, Mojca Erdmann, Michael Nagy, Maximilian Schmitt ou Franz-Josef Selig. É também um músico ativo no domínio da música de câmara, nomeadamente em parceria com Reinhold Friedrich, o Quarteto Artemis ou o Quarteto Henschel. Na temporada 2016/2017 destacam-se três apresentações de *Die schöne Magelone* de Brahms, em Heidelberg, Londres e Munique, com o barítono Christian Gerhaher e Ulrich Tukur como narrador. Um CD relacionado foi publicado em 2017; neste último, Martin Walser é o narrador dos textos baseados em Ludwig Tieck, cuidadosamente adaptados para a interpretação de Gerhaher e Huber. Em 2018, Gerhaher, Huber e Tukur apresentaram de novo este programa em Bamberg, Frankfurt e Viena. As atividades de Gerold Huber como solistas focam-se sobretudo nas obras de J. S. Bach, Beethoven, Brahms e Schubert. Apresenta-se com regularidade em importantes palcos e festivais na Europa, mas também noutros eventos por todo o mundo como o Festival da Nova Zelândia, em Wellington.



GEROLD HUBER © MARION KÖLL

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo.
A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
400 exemplares
PREÇO
2€

Lisboa, Novembro 2018

